

O delírio de Descartes no *Catatau* de Paulo Leminski
The delirium of Descartes en *Catatau* by Paulo Leminski
Delírio de Descartes en *Catatau* de Paulo Leminski

Danilo Bernardes Teixeira*

Resumo: Este artigo pretende investigar os mecanismos pelos quais o romance *Catatau*, de Paulo Leminski, encena o fracasso de uma experiência fundamentalmente colonial e eurocêntrica – envolvendo, por um lado, um emblemático pensador europeu; de outro, a não menos emblemática realidade (cultura e natureza) do Brasil. No romance, uma única situação cênica se apresenta. Postado sob uma árvore do Jardim Botânico de Recife, René Descartes, por entre nuvens de fumaça narcótica, produz o imenso solilóquio que constitui a totalidade do texto do romance: discurso delirante e voluptuoso, passível de ser lido como índice de um irreversível colapso de sua lógica (cartesiana, branca, europeia) incapaz de apreender os (supostamente monstruosos) seres da natureza brasileira. Na medida em que esse delirante discurso se afasta da lógica cartesiana, uma outra lógica se desenvolve. Este artigo pretende investigar aspectos dessa outra lógica (analógica), identificando alguns de seus mecanismos centrais, ao passo que procura sondar de que maneira essa discursividade pode, ainda que indiretamente, lançar luz sobre aspectos decisivos da geopolítica do poder e do saber, de modo a construir uma singular representação do processo de colonização – em que a realidade brasileira não apenas se revelaria esquivada à imposição de uma quadratura europeia como também capaz de perturbar os aspectos ontológicos e discursivos do colonizador que desejasse submetê-la.

Palavras-chave: Leminski; *Catatau*; Descartes; respostas à colonização; eurocentrismo, literatura brasileira

Abstract: This article aims to investigate the mechanisms by which the novel *Catatau*, by Paulo Leminski, stages the failure of a fundamentally colonial and Eurocentric experience – involving on the one hand, an emblematic European thinker; on the other, the no less emblematic reality (culture and nature) of Brazil. In the novel, a single scenic situation presents itself. Placed under a tree in the Recife Botanical Garden, René Descartes, amid clouds of narcotic smoke, produces the immense soliloquy that constitutes the entire text of the novel: delusional and voluptuous speech, which can be read as an index of an irreversible collapse of its logic (Cartesian, white, European), unable to apprehend the (supposedly monstrous) Brazilian nature beings. As this delusional discourse moves away from the Cartesian logic, another logic (analogic) develops itself. This paper intends to investigate this other logic, identifying some of its central mechanisms while looking to probe what way that discursiveness can, although indirectly, shed light on geopolitics

* Doutor em Teoria Literária pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (2018). É professor de Língua Portuguesa no curso de Jornalismo na Fundação Cásper Líbero. E-mail: danislau@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5130183716441109>.

decisive aspects of power and knowledge in order to build a unique colonization process representation, through which the Brazilian reality is not only elusive to the imposition of a European quadrature but also demonstrates the ability to disturb the ontological and discursive aspects of the colonizer who wanted to supplant it.

Keywords: Leminski; *Catatau*; Descartes; answers to colonization; eurocentrism; Brazilian Literature

O estudo da recepção da obra de Paulo Leminski permite ver uma curva ascendente, em termos de vendagem de livros e de popularidade, desde a primeira publicação do autor até os dias de hoje. Correndo os últimos anos da segunda década do século XXI, não será difícil encontrar muitas de suas obras nas livrarias do Brasil. O volume *Toda poesia*, lançado pela Companhia das Letras, alcançou o status de *best-seller*. *Vida*, edição que reúne as quatro biografias escritas por Leminski, bem como o romance *Agora é que são elas* e a coletânea de ensaios *Anseios crípticos*, se não venderam como a antologia poética, pelo menos podem ser encontrados com alguma facilidade nas livrarias.

O mesmo não se pode dizer a respeito de *Catatau*¹. Apesar de ter sido relançado por uma ou outra editora nas últimas décadas², o título, ao que tudo indica, ocupa um lugar muito específico na trajetória de Leminski. Dependesse apenas de seu livro de estreia, Leminski possivelmente constaria na história da literatura brasileira ao lado de Oswald de Andrade, Manuel Antônio de Almeida e mesmo do cancionista Tom Zé como artistas momentaneamente ignorados pelos segmentos mais massivos do público leitor (e ouvinte) de sua época. Como se sabe, Oswald atravessou pelo menos três décadas praticamente esquecido. Manuel Antônio de Almeida, por sua vez, obteve dificuldades quanto à recepção de seu romance *Memórias de um sargento de milícias*, lançado no começo da década de 1850 e praticamente ignorado até 1941, quando Mário de Andrade publicou artigo louvando o valor artístico e documental da obra. O caso de Tomzé, igualmente revelador, envolveu mais de uma década de afastamento em relação ao mercado fonográfico, desde o lançamento de seu álbum *Correio da estação do Brás*, de 1984, até a gravação de *Com defeito de fabricação*, catorze anos depois.

¹ Também *Metaformose*, texto com o qual o *Catatau* estabelece convergências estilísticas, não chega a constar ao lado dos best-sellers de Leminski. Foi editada uma única vez, em 1994, pela Editora Iluminuras.

² Ao todo, foram lançadas cinco edições da obra, desde a primeira edição, em 1975.

Leminski, porém, se isentou dos constrangimentos do ostracismo, não tanto pela inegável força do *Catatau* quanto pela direção assumida por sua prosa e poesia da década seguinte à sua estreia. *Caprichos & relaxos*, livro de poesia publicado em 1983, já se serve de um lirismo mais comunicativo, por vezes *pop*. Também a série de biografias que publicou entre 1983 e 1986, bem como o romance *Agora é que são elas*, de 1984, apesar do discreto teor vanguardista que apresentam, não se constituem de modo a oferecer maiores dificuldades ao leitor, quanto à legibilidade. Trata-se de um processo notável: ao experimentalismo radical do *Catatau* seguiu-se uma surpreendente guinada *pop*.

É fato que *Catatau* não desfrutou da mesma popularidade que os demais trabalhos do autor. Para dizer como Haroldo de Campos, "a seu redor criou-se, como seria de esperar, a legenda negra da ilegibilidade" (CAMPOS, 1989). Mesmo entre os leitores mais fiéis do escritor paranaense, o *Catatau* segue sendo uma pedra no meio do caminho. Mais que um sinal de limitação – seja limitação do leitor, incapaz de realizar uma leitura fluente do material –, ou limitação do texto, incapaz de se comunicar satisfatoriamente com o leitor, o dado da ilegibilidade pode ser percebido como resultado de uma experiência prevista por Leminski. Tanto que, já nas primeiras páginas do volume, manifesta-se uma advertência a respeito: "REPUGNATIO BENEVOLENTIA – Me nego a ministrar clareiras para a inteligência desse catatau que, por oito anos, agora, passou muito bem sem mapas. Virem-se".

Quando o autor manifesta essa recusa, a de "ministrar clareiras para a inteligência" do texto, implicitamente está admitindo sua expectativa, não necessariamente pessimista, de que o leitor possa encontrar embaraços em sua leitura. Ao mesmo tempo, admite sua consciência a respeito da perturbadora singularidade do romance que apresenta. Quem esperaria que se criasse essa legenda de ilegibilidade em torno do *Catatau*? Ao que tudo indica, o próprio autor. Uma hipótese: mais que simplesmente esperar por essa ilegibilidade, Leminski teria investido no sentido de gerar esse tipo de experiência. Ou, pelo menos, assumido os riscos (e obtido os efeitos) de uma literatura presumivelmente pouco comunicativa. Valendo-se de termos caros a Oswald de Andrade, tomados de empréstimo a Sigmund Freud: com o *Catatau*, Leminski teria transfigurado o tabu da ilegibilidade em totem. O embaraço do leitor, nesse sentido, deixaria de ser visto como um problema. Antes, coloca-se como base para o projeto. Isso faz supor que, no romance, a experiência não se constitua apesar do estranhamento do leitor. Antes, efeitos são obtidos sobretudo através desse estranhamento.

Um dos dados decisivos para essa suposta ilegibilidade advém do fato de que, apesar da suposta característica romanesca do material, para a qual o subtítulo "romance-ideia" parece apontar, no *Catatau* quase nada acontece. Mais que em um enredo, será possível falar em um contexto. Uma cena: postado sob uma árvore do Jardim Botânico de Recife, René Descartes, segurando em uma das mãos uma luneta de lentes cambiáveis e em outra um cachimbo com erva narcótica, produz, entre estupefato e perplexo, um imenso solilóquio, dotado de feições caóticas e delirantes (supostamente "ilegíveis"), enquanto espera por seu velho conhecido Artyczewski, militar polonês supostamente capaz de lhe "explicar" o Brasil.

A cena é fantasiosa, porém verossímil. No século XVII, Descartes, vivendo na Holanda, serviu, como militar, ao príncipe Maurício de Nassau. Quando Nassau foi designado Diretor da Companhia das Índias Orientais em Pernambuco, trouxe consigo um séquito de pesquisadores, pintores, cartógrafos etc para, no dizer de Leminski, "mapear céus e terras, flora e fauna, gentes e usanças da nova Holanda". Nesse sentido, a hipótese-fantasia se apresenta como verossímil: dadas as relações entre Descartes e Nassau, a possibilidade de o filósofo francês figurar entre os sábios conduzidos até os trópicos pelo Príncipe da Holanda é real.

Importante considerar o projeto holandês no Brasil, para que se alcance a problemática levantada pelo romance. Trata-se do que se convencionou chamar as "invasões holandesas": complexa operação geopolítica de viés colonizador, voltada para o projeto de ocupação das capitânicas mais importantes do nordeste brasileiro como modo de dominar o comércio do açúcar (realizado nessas capitânicas), e com isso constituir ameaça econômica à Espanha, com quem, naquela ocasião, a Holanda guerreava (Portugal, oficialmente o colonizador das terras brasileiras, encontrava-se, nesse período, sob domínio espanhol; invadir uma colônia portuguesa corresponderia, então, a invadir terras submetidas ao reino espanhol).

A gestão de Maurício de Nassau, porém, não se restringiu a uma mera ocupação exploratória de contornos geopolíticos e comerciais. Antes, cuidou para que uma experiência de conhecimento se realizasse, atenta portanto às questões de arquitetura, jardinagem, cartografia, botânica etc – o que explica a presença dos sábios e pesquisadores em seu séquito. É de Nassau o projeto de construção do zoológico de Recife, bem como do Jardim Botânico em que se encontrará o fictício René Descartes do *Catatau*.

O processo de colonização, nesse caso, envolveria, além dos aspectos políticos e econômicos, a imposição de uma lógica, uma estética, uma visão de mundo, como modo de superação das formas de vida que se praticavam no Brasil. Em seu artigo *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, Aníbal Quijano indica esse aspecto da colonização – que se poderia indicar como um dado da geopolítica do saber – como capaz de produzir uma intersubjetividade, por meio da qual, nesse caso, valores e concepções eurocêntricos se estabeleceriam.

En primer lugar, expropiaron a las poblaciones colonizadas –entre sus descubrimientos culturales – aquellos que resultaban más aptos para el desarrollo del capitalismo y en beneficio del centro europeo. En segundo lugar, reprimieron tanto como pudieron; es decir en variables medidas según los casos, las formas de producción de conocimiento de los colonizados, sus patrones de producción de sentidos, su universo simbólico, sus patrones de expresión y de objetivación de la subjetividad. (...) En tercer lugar, forzaron –también en medidas variables en cada caso– a los colonizados a aprender parcialmente la cultura de los dominadores en todo lo que fuera útil para la reproducción de la dominación, sea en el campo de la actividad material, tecnológica, como de la subjetiva, especialmente religiosa. Es este el caso de la religiosidad judeocristiana. Todo ese accidentado proceso implicó a largo plazo una colonización de las perspectivas cognitivas, de los modos de producir u otorgar sentido a los resultados de la experiencia material o intersubjetiva, del imaginario, del universo de relaciones intersubjetivas del mundo, de la cultura en suma (QUIJANO, 2000).

Paulo Leminski demonstra sensibilidade semelhante quando se manifesta, em um dos seus *15 pontos nos is* (pistas de leitura que o escritor incluiu na segunda edição do *Catatau*): "para o europeu, o Brasil soava absurdo, absurdo que era preciso exorcizar a golpes de lógica, tecnologia, mitologia, repressões".

O delírio de Descartes

Imaginado nos trópicos, o René Descartes (ou, em sua forma latinizada, Renatus Cartesius) de Leminski não demonstra, em nenhuma passagem de seu solilóquio, sinais vigorosos de um comprometimento pessoal com o processo de colonização econômica ou com a geopolítica do poder. Não se apresenta como um soldado aguerrido, nem como um comerciante oportunista. Antes, o que o curioso Cartesius parece vivenciar é uma exuberante experiência sensório-mental, em muitos pontos análoga ao que, nos anos de

1960 e 1970 – período em que o *Catatau* foi redigido –, se poderia indicar como uma “viagem lisérgica”, isto é, uma experiência de delírio, desencadeada por algum tipo de intoxicação farmacológica, em que os estímulos sensoriais possam dar ocasião a reflexões de ordem filosófica e existencial (ou vice-versa).

É possível perceber esse *desbunde* como resultado da frustração de um projeto associável à colonialidade do saber. O que está em jogo é um verdadeiro embate. Para servir-se do binômio cartesiano: de um lado está o sujeito (Cartesius); de outro, o objeto (o Jardim Botânico de Recife, emblemática metonímia da realidade brasileira). O que será colocado em cena, nesse “duelo de gigantes”, poderia ser lido como uma alegoria do processo de colonização brasileira. Ao que tudo indica, o jogo se desenvolverá favoravelmente à natureza do Brasil – o que acaba dando margem a que se perceba, no romance de Leminski, uma “festa” carnavalizante pela qual a autoridade da força europeia se veja destituída de seu poder, em nome do triunfo do que até então, com o curso dos séculos, tendia a constar como dado de inferioridade (o Brasil colonizado). O próprio Paulo Leminski afirma algo nesse sentido: “o *Catatau* é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso de leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico”. De fato, não é raro que a personagem emita, em algumas passagens, sinais de perplexidade, mesmo de perturbação, diante da natureza brasileira:

O silêncio eterno desses seres tortos e loucos me apavora (LEMINSKI, 2004, p. 16)³.

Este mundo é o lugar do desvario, a justa razão aqui delira. Pinta tanto bicho quanto anjo em ponta de agulha bizantina, a insistência irritante desses sisteminhas nervosos em obstar uma Idéia! Nunca se acaba de pascar bastante, novo pânico põe fora de ação o pensamento. (LEMINSKI, 2004, p. 18)

Os bichos zombam dos sábios: montam uma peça mais perfeita que o laboratório da torre de cujas efemérides é a réplica em efígie. (LEMINSKI, 2004, p. 42)

Senhores, mecenhores, não mereço tanto, tudo é efeito do sol na febre com fome! Pedra encarnou no preguiça, esse aí, sempre aí! [...] Mente, traga essas coisas todas para dentro. (LEMINSKI, 2004, p. 89).

³No original (parodiado) de Blaise Pascal: *Le silence éternel des espaces infinis m'effraie*.

A perturbação de Descartes só pode se explicar como decorrência da frustração de uma expectativa. Ao que tudo indica, a realidade brasileira esquiva-se de uma conformação moldada pelos parâmetros de que ele poderia se servir. Em um processo de recepção mais sensível à natureza do objeto que às quadraturas impostas pelo sujeito, seria de se esperar um tipo de isenção que garantisse o livre acolhimento dos dados emitidos pelo ser observado, sem que as expectativas ou significações previamente definidas pelo observador se sobrepusessem a esses dados, de modo a corrompê-los indevidamente. O descompasso entre Cartesius e a natureza brasileira, quando se manifesta, é desencadeado justamente pela maneira pela qual sua subjetividade agencia o processo de percepção, o que acaba por colocar em cena um comprometedor erro de método.

Por se ater, a princípio, à própria lógica, estabelecida previamente em um contexto diverso do brasileiro (no caso, a Europa), mais que à “lógica” dos seres que encontra no Jardim Botânico, o olhar de Cartesius se constituiria como uma ação projetiva, não necessariamente como um exercício de recepção. Isto é, como uma tentativa de atribuição de dados. O que se passa é que a natureza brasileira acaba por se revelar, perante Descartes, como esquiva a essa tentativa de atribuição. Donde o fracasso de seu projeto.

Nesse sentido, procurar pela cor do animal, ou pelo ritmo do seu movimento, ou por sinais de agressividade, ou qualquer coisa nesse sentido, significa conceber o objeto à luz de sua própria lógica, de modo que os parâmetros pelos quais tal lógica se delinea se imponham insensivelmente sobre o objeto, suplantando sua natureza, rebocando-a em nome da imposição de um padrão, de um sistema, muito mais afinados com os parâmetros do observador que com as qualidades do ser observado (“O que se esconde por trás do que vejo, ilumino com a chama do que sei”. (LEMINSKI, 2004, p. 129).

É como se, avistando um bicho preguiça, por exemplo, Cartesius se pusesse a tentar perceber no animal aquilo para o que já estivesse preparado, possivelmente desejando encontrar no objeto uma correspondência com o que sua lógica projeta como aceitável. Percebido dessa maneira, o bicho preguiça se apresentaria mais como confirmação de um sistema que como um corpo dotado de singularidade.

Jazo sob o galho onde o bicho preguiça está. Eis a presença de ilustre representante da fauna local, cujo talento em não fazer nada chega a ser proverbial, abrilhanta a áurea mediocridade vigente. Requer uma eternidade, para ir dez palmos, esta alimária, imune ao espaço, vive no

tempo. Este mundo não se justifica, que perguntas perguntar? Devo lazer. (LEMINSKI, 2004, p. 18).

Na passagem acima, através da formulação “este mundo não se justifica, que perguntas perguntar?”, Cartesius associa a incapacidade de ajustar seus próprios instrumentais de pensamento, pelos quais poderia constituir uma pergunta, ao caráter excessivo da natureza brasileira. Não se justificar (“este mundo não se justifica”), nesse caso, assumiria duplo sentido, dizendo respeito tanto ao caráter excessivo de um ser que não se encaixa, não se conforma, não se deixa ajustar (o comando “justificar”, empregado pelos programas de edição de texto, empregam o termo com essa conotação), quanto a uma não conformação a uma lei, a um critério, a uma ordem (*jus*, nesse caso, significando “lei”). Diante dessa polissemia, afirmar que “este mundo não se justifica” alcança tanto o caráter excessivo deste mundo quanto sua insubordinação a uma “lei” que o explique.

Importante observar que a formulação de Cartesius, na medida em que admite sua abordagem como uma pergunta, sinaliza para a procura de um método, o que evidencia o teor filosófico e metalinguístico de suas investigações. É certo que Cartesius discorrerá sobre o bicho preguiça, ou sobre as plantas do Jardim Botânico, mas discorrerá acima de tudo – direta ou indiretamente – a respeito da maneira pela qual poderia perceber o bicho ou os vegetais. Para ele, a percepção do Brasil envolverá, antes de tudo, a percepção de si mesmo (nesse ponto, Leminski, magistralmente, apresenta um Descartes para quem a dúvida conduz a uma percepção de si, espelhando, com isso, o Descartes da história da filosofia – ou pelo menos a imagem que tendencialmente se forma a seu respeito).

O que se passa é que essas considerações sobre si acabam por indicar a suspensão de um preceito colonial de extrema importância: a distinção dualista entre um sujeito supostamente moderno, avançado, racional, colonizador, e um objeto supostamente primitivo, atrasado, irracional, a ser colonizado (QUIJANO, 2000). Mais que sustentar uma efetiva distinção, em função da qual sua superioridade se estabeleça, o Descartes de Leminski acaba produzindo sinais de uma indistinção fusionista, de uma identificação capaz de desestabilizar sua pretensa superioridade eurocêntrica. O discurso que produzirá em terras brasileiras apresentará inúmeros sinais dessa agregação, dessa contaminação a que o pensador teria sido submetido. O que acaba por, indiretamente, produzir uma utópica figuração de uma realidade brasileira infensa aos esforços colonizadores,

suficientemente vigorosa para empreender uma inversão dos papéis entre colonizador e colonizado.

Nesse sentido, Cartesius produzirá inúmeros apontamentos a respeito do processo de esfacelamento de seu ego, desencadeado pela perturbadora integração de si mesmo à natureza que observa. A recorrência de passagens em que esse tipo de esfacelamento se manifesta será expressiva na medida em que confere às páginas do *Catatau* a capacidade de indicar alguns aspectos da natureza brasileira de modo indireto, isto é, não através de indicações claras e precisas, mas através de seu impacto sobre a subjetividade de Cartesius. Se o *ego* de Cartesius se esfacela diante da natureza brasileira, que característica essa natureza poderia apresentar que a capacite para tal ação?

A escolha de Descartes para constar como personagem de uma experiência em que se atente contra a integridade do eu se justifica tanto quanto a escolha da realidade brasileira para constar, não como mero cenário, mas como agente capaz de gerar esse tipo de desintegração. Descartes está em cena porque tornou-se conhecido por seu papel na consolidação da modernidade como experiência baseada no eu; e também porque deriva seu método justamente da certeza estabelecida em torno da existência de seu *ego*. Se esse *ego* se dissolve, se dissipa, se desdobra, se multiplica, as implicações filosóficas, paródicas, carnavalizantes e humorísticas igualmente se multiplicam. Cartesius não só fracassa ao tentar conformar a natureza brasileira à sua quadratura, como vê sua própria natureza, com o que tinha de mais estável e certo (a ponto de tornar possível o *cogito* cartesiano), corrompida em função do contato que realiza – donde seu delírio e desbunde. Incapaz de dar curso a seu projeto colonizador, Cartesius sucumbe à força sensorial da realidade brasileira, integrando-se a ela, por via da intoxicação pela *cannabis* e pela adoção de um discurso capaz de se colocar, em função de sua feição algo caótica e irracional, como mais um fruto, dentre tantos, produzidos pelo (para ele não menos caótico e irracional) solo americano. Com essa postura, é como se Cartesius deixasse de se servir da luneta (instrumento de observação pelo qual pode aproximar ou distanciar o objeto que examina: logo, capaz de representar metonimicamente o analítico método cartesiano) para servir-se do igualmente metonímico cachimbo de erva narcótica (ícone da identificação dionisíaca, portanto não cartesiana).

Distinto Descartes

Apesar dessa tendência a uma identificação entre sujeito e objeto, o que Cartesius manifesta, no trecho em que se refere ao bicho preguiça, será um resistente – ainda que frustrado – distanciamento: “este mundo não se justifica”. Tanto que as demais afirmações dessa passagem apenas reforçam a ideia de estranhamento. Um dos dados a serem “estranhados” por Cartesius diz respeito ao “talento em não fazer nada” do animal, apresentado ironicamente através dos termos “ilustre representante”, “talento” e “áurea mediocridade”. O emprego da ironia torna ainda mais corrosiva a violência da apresentação desse “talento” como traço distintivo da “fauna local”. Se se considera o valor metonímico do bicho preguiça e de sua aptidão para a morosidade, é possível identificá-lo, face à sugestão generalizante de Cartesius, como parte de um todo que venha a ser a realidade brasileira.

Ao experimentar o descompasso em relação ao bicho preguiça, é como se o europeu Cartesius se distinguísse, ou pelo menos tentasse se distinguir, desse modelo. A violência de sua ironia tende a reforçar tal afastamento. Mas o humorismo de Paulo Leminski produz ironia sobre ironia, na medida em que as formulações de Cartesius cometam ato falho: ao passo que tentam produzir uma imagem da distinção, acabam por configurar o contrário – uma imagem da identificação. Isso se manifesta pela própria situação cênica sugerida pela formulação “jazo sob um galho em que o bicho preguiça está”. A ironia (sobre ironia) ocorre com a sugestão de que o ato de jazer sob uma árvore não se constitua propriamente como uma ação distinta daquela realizada pelo bicho preguiça.

O segundo ato falho, capaz de indicar a identificação de quem, a princípio, desejaria o contrário – a não identificação –, apresenta-se com a conclusão: “devo lazer” (*lazy*, em inglês: “preguiçoso/ preguiçosa”). Necessário perceber que esta afirmação se manifesta como derivada de uma situação de impotência. Na medida em que seu método não encontra aderência à situação que vivencia, de modo que não lhe ocorram perguntas a serem levantadas, o que lhe restaria seria a adesão à lógica dessa singular realidade, como se “lazer” se apresentasse como atividade inevitável, logo legítima – algo como um dever, regido por um austero princípio de realidade. (“devo lazer”). Trata-se de mais uma ocorrência do triunfo do princípio de contaminação, pelo qual se concretiza o inevitável: Cartesius, pela observação (seguida de fracasso de aplicação de sua lógica

analítica), acaba por assumir as características do ser observado, ainda que em relação a elas prefira resguardar uma distância algo purificadora.

Em outra passagem, pouco adiante, abordando novamente o tema da preguiça, Cartesius evoca o procedimento em que seu correspondente histórico baseou seu método: a *análise* (ou desmembramento analítico).

Versar com as pessoas é dividir o todo que somos em partes, para efeitos de análise, para sermos compreendidos, mister lembrar Articsewski da desgraça da preguiça que se abateu sobre mim (idem, p. 18).

Que desgraça seria essa? Não se trata, ainda, da descarga fecal de que sua cabeça se fará receptáculo, em emblemático trecho posterior do romance (emblemático porque, nessa cena, bakhtinianamente carnavalesca, também se manifesta uma inversão no jogo de poder). Possivelmente, a desgraça da preguiça que se abateu sobre Cartesius seja a contaminação, de que foi vítima, pelo aspecto preguiçoso do comportamento do animal. Maldizer essa contaminação acaba por sinalizar para um desejo (frustrado) de distinção, condizente, aliás, com uma mentalidade colonizadora – pretensamente distinta e superior.

Por “colonização”, vale repetir, não se entende um processo definido estritamente em função de operações geopolíticas. O interesse de Cartesius, como seria de se supor, não se explica nesses termos. Como dito anteriormente, em momento algum a personagem emite sinal de interesse econômico, político ou religioso. Seu interesse gira em torno da curiosidade, da investigação, do cultivo de um pensamento a respeito do que experimenta no Jardim Botânico. Se há algum sentido de colonização em sua atividade no Brasil, manifesta-se sobretudo pelo intuito de, na condição de estrangeiro, submeter a experiência local à sua própria experiência, de modo que se tornasse possível a validação de seu método e a preservação da paradoxal certeza de seu *cogito*. A validação de seu método, nesse caso, corresponderia a reduzir tudo com que se depara à inferior condição de objeto, de modo que seus próprios parâmetros, sua lógica e sua língua se imponham insensivelmente, produzindo, como resultado, a dominação de todos os aspectos do espaço visitado. Quando Leminski menciona o “projeto batavo, branco, no trópico”, possivelmente indique algo nesse sentido.

De se notar a característica do projeto colonizador e eurocêntrico de Descartes: é preciso se distinguir para, a partir desse distanciamento, submeter o objeto. A resposta

contracolonizadora da realidade brasileira, por sua vez, se manifesta como um movimento contrário – de integração; contaminação; devoração. Impossibilitado de reduzir a seus parâmetros o objeto que tem diante de si, a relação entre Descartes e os seres da natureza do Brasil se redimensiona e ganha novos contornos: mais que em uma relação sujeito/objeto, seria de se falar, nesse caso, em uma relação sujeito/ sujeito. O projeto de colonização eurocêntrica não se realiza. Ao contrário, o que se manifesta, como dado de superioridade, é a realidade brasileira (no *Catatau* de Paulo Leminski, quem “coloniza” é o Brasil).

O método do discurso

Se, por um lado, o impacto gerado pela percepção de formas exóticas chega a transtornar o pensamento de Cartesius, por outro lado é justamente o contato com essas formas que vai lhe proporcionar uma outra lógica de linguagem. O pensamento de Cartesius não é capaz de apreender tal realidade. Não é capaz de traduzir essa realidade através de uma formulação racional. Mas será capaz de incorporar os dados dessa realidade viva e de produzir um pensamento-frase contíguo a ela. Como se esse pensamento-frase fosse mais um dentre tantos frutos produzidos pela natureza selvática brasileira. De uma forma geral, essa nova forma discursiva poderia ser entendida como uma realização poética, produzida de modo que as frases e as palavras, ao invés de desenvolverem uma lógica (cartesiana), tendem a realizar uma “analógica”. Isso é: estabelecer relações de semelhança com tudo o que se poderia entender como uma “outridade”.

Décio Pignatari, em sua tese *Semiótica & Literatura*, discorre a respeito da abordagem, realizada por Paul Valéry, do método de Leonardo Da Vinci. É provável que o “método” empregado pelo Cartesius do *Catatau* guarde pontos de convergência com o método vinci-valeriano, conforme apresentado por Pignatari:

Meios de investigação e análises mais precisos e adequados aos fenômenos estudados – meios, digamos, por contato direto – vão superando a palavra, e restringindo seu campo de hegemonia: “é o registro dos fenômenos por puro efeito deles próprios”, de que a fotografia e os gráficos são exemplos [...].

Pensar profundamente é “pensar o mais longe possível do automatismo verbal”, daí que hoje, em muitos casos, os signos discretos sejam

substituídos pelos traços das próprias coisas, ou por transposições ou inscrições que delas derivam diretamente. A grande invenção de tornar as leis sensíveis ao olho e como que legíveis à vista, incorporou-se ao nosso conhecimento, e de certo modo *duplica* o mundo da experiência por meio de um mundo de curvas, superfície, diagramas. [...] O gráfico é capaz do contínuo de que a palavra é ineficaz (PIGNATARI, 2009, p. 31).

Ele, [Leonardo], sabe de que é feito um sorriso: pode colocá-lo na fachada de uma casa ou nos meandros de um jardim (VALÉRY apud PIGNATARI, 2009, p.42).

A hipótese de que Cartesius produza seu solilóquio guiado pelo estabelecimento de similaridades entre o seu dizer e os objetos e fenômenos com os quais se depara, de modo que os “traços das próprias coisas” se revelem, através de “transposições ou inscrições que delas derivam diretamente”, é tentadora. Seria o caso de se falar, aqui, em uma lógica da contaminação: a natureza brasileira parece ter contaminado o discurso de Descartes. Seu texto não é sobre o Brasil. Seu texto, antes, é um texto sob o Brasil. Melhor: seu texto é o Brasil.

Tal contaminação, por sua característica de voluptuosidade, acaba por se estender pelas mais diversas instâncias da obra: na medida em que a natureza brasileira se afigura monstruosa (pelo menos sob a perspectiva eurocêntrica), o dado de monstruosidade do objeto contamina o próprio pensamento de Descartes, de modo que ele próprio se estranhe, concebendo a si mesmo como um monstro, produtor aliás de um discurso igualmente monstruoso. As implicações dessa contaminação serão vastas e expressivas. Uma delas: se se considera a possibilidade de o *Catatau*, através de uma operação vinci-valeriana, produzir um discurso afinado com o Brasil, de modo que o romance produza uma imagem da sua natureza, o vigor do princípio de contaminação, agindo através das mais diversas camadas da experiência romanesca, sinaliza para a voluptuosidade irrefreável e avassaladora desta natureza. Uma exuberância sem limites que transcende a si mesma para alcançar (contaminar) a subjetividade e a discursividade de quem com ela se depara. Essa força voluptuosa e irresistível, aliás, é que poderá explicar a potência contracolonizadora da natureza brasileira, capaz de devorar os seres que pudessem desejar reduzi-la a mero objeto domesticado. Não é fortuito que Oswald de Andrade, aventando uma utópica resposta brasileira à colonização europeia, tenha se servido da imagem do ser humano antropofágico – personificação dessa força devoradora.

A propósito, no *Catatau*, a lógica de contaminação, ao mobilizar um processo de continuidade, pelo qual um ser “continua” uma característica de outro, se coloca como diametralmente oposta ao método da análise, distinção e clareza cartesianas – todo baseado na ideia de descontinuidade e desmembramento. No âmbito do romance de Leminski, mesmo a distinção entre o pensamento e o discurso se revela impossível. Uma distinção cartesiana, nesse caso, inevitavelmente procederia a um desmembramento do tempo, de modo que dois momentos se revelariam: um primeiro, em que se realiza o pensamento; e um segundo, em que esse pensamento, para usar uma expressão de Merleau-Ponty, fosse “vestido” por uma formulação. Quando se leva em consideração a lógica presentista da obra, em que tudo se dá nesse eterno agora que invariavelmente se dissipa, o mais apropriado seria considerar o jogo entre pensamento e discurso como um dado de instantaneidade, pelo qual um “contamina” o outro, revelando-se, portanto, indistintos.

Essa indistinção poderia responder a uma questão de fundamental importância: por que a representação da natureza brasileira, realizada pelo *Catatau*, se realiza a partir de um radical método de singularização da linguagem, capaz de tornar o texto aparentemente ilegível? É claro que o estranhamento do texto acaba por refletir o estranhamento de Descartes diante dessa natureza. Mas o fusionismo instantâneo entre pensamento e formulação também pode explicar a hermética estilística do texto. Como os dois processos se realizam em um único momento, não se torna possível a mediação de uma inteligência, de um raciocínio, de um distanciamento crítico capaz de produzir uma “explicação”. Por isso, o que se revela é uma força bruta, física, corporal, genuína, selvagem – brasileira.

Alguns casos de aproveitamento do aspecto material do texto como recurso expressivo

Em muitos aspectos da elaboração do discurso de Cartesius, o processo de contaminação vinci-valeriana se faz notar. Um deles: a construção das frases, guiada por uma lógica paronomásica, parece repetir o fenômeno do crescimento dos seres animais ou vegetais. Dizendo de uma maneira simplória, o crescimento dos seres vivos se dá com a repetição, na célula que surge, de uma estrutura presente na célula já existente. Ao que

tudo indica, essa é a lógica do fraseado em *Catatau*. O som de uma palavra se repete em alguma sílaba da palavra seguinte, da qual se extrai algum som que irá se repetir na próxima. É o físico, o material, o orgânico, o natural, que parece dirigir a construção das frases. Mais que o espiritual, o intelectual, o mental.

Vejam-se, por exemplo, os trechos abaixo:

O vapor umedece o bolor, abafa o mofo, à frente do nariz, mim, imenso e imerso, bom [...]
Bestas feras entre flores festas circulam em jaula tripla – as piores, dupla as maiores; em gaiolas, as menores, à ventura – as melhores. [...]
Animais anormais engendra o equinócio, desleixo no eixo da terra, desvio das linhas de fato. [...]
Em foco, Tatu, esferas rolando de outras eras, escarafuncham mundos e fundos. [...]
Um, na algaravia geral, por nome, Tamanduá, esparrama língua no pó de incerto inseto, fica de pé, zarolho de tão perto, cara a cara, ali, aí, esdruçula num acúmulo e se desfaz eclipsado em formigas. (LEMINSKI, 2004, p. 13).

Mesmo o corpo do texto, com suas mais de duzentas páginas, revela-se como um grande ícone capaz de espelhar a exuberante natureza do Brasil. Leminski, poeta desde sempre, atento como esteve ao trabalho com os significantes, cuidou para que a materialidade textual do romance se apresentasse com feições monolíticas. As palavras e as frases se sucedem de modo a criar um bloco compacto, sem que nenhum espaço em branco se interponha entre uma frase e outra – a noção de parágrafo e de capítulo não sendo, portanto, aplicável. Não há indicação de parágrafo nem na primeira frase do romance (que, aliás, está grafada com inicial minúscula), como não há o alinhamento das palavras no campo da margem esquerda. Esse maciço textual, além de impor um ritmo alucinante à leitura, correlato à vivacidade do pensamento de Cartesius, refazem, plasticamente, o ambiente intrincado e caótico, desprovido de trilhas e caminhos – “incolonizável”) – da natureza brasileira.

Na sentença abaixo, por exemplo, o aproveitamento do aspecto gráfico dos signos produz resultado semelhante: “O fabuloso bichopreguiça quando move o corpo paralisa a sombra” (idem, p. 75). O procedimento é muito simples: grafando a palavra "bicho preguiça" de modo justaposto, sem que nenhum espaço se interponha entre as duas palavras que compõem o nome do animal, obtém-se uma imagem de movimento, como se houvesse se realizado um deslocamento da palavra através do espaço. Tal sugestão

ajusta-se perfeitamente ao campo semântico engendrado pela sentença: a frase menciona justamente o movimento do mamífero. O que se realiza, nesse sentido, corresponde ao processo de contaminação – é como se a ideia de movimento "contaminasse" o campo dos significantes. O mesmo se processa, aliás, quando se observa o outro polo da dicotômica ação sugerida pela sentença: o estado de paralisia da sombra do animal. É possível que, para alguns leitores, a percepção do "movimento" inscrito na palavra "bichopreguiça" conduza, por contraste, à percepção da paralisia da palavra "sombra", imobilizada no final da frase, discretamente se oferecendo à vista, através de sua materialidade, como marcada pelo dado de sombreamento (toda palavra, aliás, sobretudo quando grafada em cor escura, só se torna visível porque se apresenta como uma sombra estilizada).

Chama a atenção, nessa sentença, a surpreendente sugestão de um processo de dissolução pelo qual o bichopreguiça se distingue de sua sombra. O animal se move, mas sua sombra não. Necessário perceber a aparentemente ilógica relação entre o movimento do corpo e a paralisia da sombra. A paralisia se dá como desenvolvimento do movimento. Em um mundo (para Cartesius) absurdo, como o brasileiro, operações como essa parecem ter cabimento. De qualquer maneira, dissoluções aparentemente absurdas se revelam frequentes no *Catatau*, mas nesse caso a dissolução se evidencia com ainda maior clareza, através da própria materialidade da frase: a distribuição das palavras "bichopreguiça" e "sombra" ao longo da oração, a primeira mais à esquerda, a segunda mais à direita, refaz plasticamente a separação entre o animal e a imagem sombreada que produz.

Casos semelhantes se revelam nas passagens em que o aproveitamento da plasticidade do texto enquanto instância produtora de sentidos se realiza através do emprego de palavras em caixa alta. Vale a transcrição de algumas passagens:

Do parque do príncipe, a lentes de luneta, CONTEMPLO A
CONSIDERAR O CAIS, O MAR, AS NUVENS, OS ENIGMAS E OS
PRODÍGIOS DE BRASÍLIA. Desde os verdes anos, via de regra,
medito horizontal manhã cedo, só vindo à luz já sol meiodia [...]
Vai me ver com outros olhos ou com os olhos dos outros? AUMENTO
o telescópio: na subida, lá vem [...].
Cocos fecham-se em copas, mamas ampliam: MAMÕES. (LEMINSKI,
2004, p. 13).

O emprego da caixa alta nos trechos acima reproduz o efeito aumentativo produzido pela luneta de que se vale Cartesius. Nesse caso, o processo de isomorfismo se manifesta na relação entre significado e significante: este incorpora em sua materialidade um dado daquele (o aumento produzido pelas lentes).

Processo similar levará à produção das frequentes onomatopeias do texto. Se, no caso da palavra MAMÕES, o significante incorpora em sua materialidade um dado do significado, nas frequentes onomatopeias o mesmo processo se verifica. A diferença é que, nesse caso, a incorporação se realiza no nível fônico. Segundo Leminski, a própria palavra "catatau" tem origem provavelmente onomatopaica. Um dos significados do vocábulo, em Portugal, seria o de "uma surra": cada sílaba da palavra, vincialerianamente, correspondendo ao som de um golpe. Se Leminski, nos seus *15 pontos nos iis*, indica um processo de colonização baseado em "golpes de lógica", seu *Catatau*, a se levar o aspecto onomatopaico do título em consideração, também poderia se situar nesse mesmo campo de significados, perfazendo-se como contundentes golpes de uma analógica.

Catatau e a Antropofagia

Esse sentido de violência, de resposta contundente, aliás, aproxima o *Catatau* do universo da Antropofagia oswaldiana, igualmente guiada pela busca de uma resposta preferencialmente violenta (incivilizada, canibal) ao processo de colonização. Vale realizar, à guisa de aproximação ("só a Antropofagia nos une"), uma pequena antologia de aforismos contracoloniais propostos por Oswald de Andrade

Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós.
A reação contra o assunto invasor, diverso da finalidade.
A reação contra todas as indigestões de sabedoria [...]
Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver
com olhos livres.
O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão
acadêmica.
Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo.
Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Contra todas as
catequeses. E contra a mãe dos Gracos.
O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeável entre o mundo
interior e o mundo exterior. A reação contra o homem vestido. [...]

Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida. E a mentalidade pré-lógica para o Sr. Lévy-Bruhl estudar.

Nunca fomos catequizados. Fizemos foi o Carnaval [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação.

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica (...).

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos.

O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho. (ANDRADE, 1976, p. 10)

Desconstruindo Descartes

O fracasso do projeto colonizador eurocêntrico, em *Catatau*, bem como a (utópica) alusão a aspectos contracoloniais da natureza brasileira, se realiza em função de uma multiplicidade de procedimentos que merecem ser observados. O primeiro seria a paródia da figura de René Descartes. Renatus Cartesius, protagonista do *Catatau*, será surpreendente a cada palavra que pensa/ profere, e muito dessa surpresa advém de sua correspondência (ou falta de correspondência) com René Descartes. O emissor é identificado pelo texto do romance já na primeira linha, de modo a gerar o reconhecimento imediato do leitor (através da referência ao *cogito* cartesiano), mas o correr das páginas e o desenvolvimento do longo solilóquio inevitavelmente produzirá estranhamento – em primeiro lugar pela singularidade estilística do texto, mas também, e como decorrência disso, pelas surpresas envolvidas nesse jogo em que uma instância ficcional parece não corresponder a um dado “real”.

É no âmbito desse contraste que a personagem acaba por se definir (ou melhor, se redefinir, ao que, paradoxalmente, se indefina), emergindo entre as duas pontas de um eixo a que falta qualquer tipo de mediação: de um lado, a personagem, previamente figurada pelo leitor, sobre quem o romance nada diz; de outro, as formulações de Cartesius, constituindo o único e delirante dizer projetado pelas páginas. A surpresa vem do contraste entre os elementos das duas pontas: não seria de se esperar que um texto daquela natureza fosse produzido por um emissor como René Descartes. Ao que tudo

indica, o "barrocodélico"⁴ solilóquio de Cartesius não condiz com o pensamento do matemático e filósofo das ideias claras e distintas.

Compare-se, por exemplo, o trecho do primeiro parágrafo da Regra II, do livro *Regras para a direção do espírito humano*, de Descartes, transcrito abaixo, com as linhas do *Catatau* de Paulo Leminski, transcritas na sequência:

Toda ciência é um conhecimento certo e evidente; nem aquele que duvida de muitas coisas é mais sábio do que quem nunca pensou nelas; parece até menos douto que este último, se formou uma opinião errada a respeito de algumas. Por isso, é melhor nunca estudar que ocupar-se de objetos de tal modo difíceis que, não podendo distinguir o verdadeiro do falso, sejamos obrigados a tomar como certo o que é duvidoso, porque então não há tanta esperança de aumentar a instrução como perigo de a diminuir. Por conseguinte, mediante esta proposição, rejeitamos todos os conhecimentos somente prováveis, e declaramos que se deve confiar apenas nas coisas perfeitamente conhecidas e das quais não se pode duvidar. (DESCARTES, 1998, p. 14)

A se considerar a prescrição (na verdade, proscricção) de Descartes, o Jardim Botânico de Recife, metonímia da realidade brasileira, se enquadraria facilmente na categoria "objeto difícil", colocando-se, portanto, como objeto a ser evitado – sob pena de se "tomar como certo o que é duvidoso" e, com isso, comprometer a "instrução". Veja-se, agora, uma formulação do Descartes do *Catatau*:

Não estou inventando história, não estou fazendo cena, não estou dizendo isso, não estou aqui para tãntaros. Concluo um conluio, acuso um abuso. Agüente álcool, pimenta alcagüeta! O homem seco está parado, o ébrio dançando. Quem dança a pitagórica música das estrelas? Aí, sim! As proporções de delírio nas medidas de um vaso, feito de um só lugar. Taba onde batuque dá tutu! Olhando de outro langro, nada para olhar. O objetivo anula o entendimento. Ignora-se o destino. Pbinga, fvelja! O observador destrói a coisa observada, a percepção é a pior catástrofe que sobre nós tem se abatido por estes trechos: transforma-se o confessor na culpa confessada, a confissão passada. O discípulo descobre o pulo, o centro sai por um furo nessa periferia de truques. (LEMINSKI, 2004, p. 108)

Até por questões estilísticas, as formulações realizadas pelo (desregrado) Cartesius leminskiano podem ser lidas como um ato de desobediência às regras

⁴ O termo é de Haroldo de Campos. (CAMPOS, 1989)

cartesianas, tamanha a disparidade. Enquanto o primeiro tenta definir um padrão racionalizante e certo, o segundo, apesar de se declarar isento de qualquer atitude de exagero (“não estou inventando história”), realiza verdadeiro baile verbal. Baile, aliás, tematizado pela própria formulação: "O homem seco está parado, o ébrio dançando. Quem dança a pitagórica música das estrelas?". Mas o texto não apenas baila, como produz música – vide o “batuque” sambista sugerido pelos acentos e choques entre as oclusivas de "taba onde batuque dá tutu" – forjando uma experiência de sensorialismo em tudo oposta ao mentalismo distintivo preconizado pela regra cartesiana.

Na medida em que tal regra prescreva a preterição de “objetos de tal modo difíceis que, não podendo distinguir o verdadeiro do falso, sejamos obrigados a tomar como certo o que é duvidoso”, a formulação do Cartesius leminskiano, especificamente neste trecho mas também em outros e no *Catatau* como um todo, apresenta-se como prenhe de objetos dotados dessa “dificuldade”. Como adotar pensamento certo a respeito de "Pbinga, fvelja"? A ofensiva não esconde seu alvo: quando o alucinado Cartesius de Leminski afirma que “o objetivo anula o entendimento”, ou que “o observador destrói a coisa observada”, atinge diretamente o método cartesiano do filósofo francês.

Diante de tantos contrastes, uma figura como Descartes, verdadeiro patrimônio da história da filosofia, “renasce” para o leitor (René/ Renatus: “renascido”). Não porque se transforme com o correr das páginas – o Cartesius da última linha parece ainda ser o delirante personagem da abertura do romance –, mas porque não se ajusta à uma imagem previamente definida e consolidada como “ponto pacífico” da história da filosofia.

Diante desses dois Descartes, impossível se furtar à questão: que fator teria desencadeado tamanha disparidade? Uma possível resposta: só o contato com a (supostamente) monstruosa natureza americana poderia produzir, por contaminação e identificação, um Descartes assim tão “monstruoso”.

Contranarratividade como método: o eterno presente em *Catatau*

Na situação encenada pelo romance-ideia de Leminski não se manifesta um “antes” circunstancial – algo como o deslocamento de Cartesius a Recife, sua viagem transatlântica etc. Como não se manifesta qualquer sinal de transformação ou desenvolvimento da índole da personagem. Raras são as menções a um momento anterior ao da cena presente. E o que existe, como menção a um "depois", será mínimo e frustrante:

a chegada de Artyczewski, embriagado e confuso. Sua chegada causa frustração porque Cartesius tem uma esperança: deseja que Artyczewski lhe “explique” o Brasil. Explicar, aqui, coincide com uma atitude conservadora, baseada no estabelecimento de raciocínios pelos quais seja possível superar a estupefação gerada por um presente impermeável às realizações mentais do passado (no caso, o cartesianismo), de modo a tornar viável não apenas a permanência desse tipo de construção, mas também uma mínima figuração do futuro. Em outras palavras: salvaguardar algum entendimento a respeito do Brasil envolveria necessariamente contornar o quanto possível a experiência do presente como modo de legitimar um passado e se “apropriar” de um futuro. "Matar [o dado presente, o objeto difícil] para garantir o método", dirá o Descartes do *Catatau*.

Ao contrário, as construções mentais cartesianas, consolidadas no passado, parecem não encontrar aderência na experiência presente. De nada lhe servem os esquemas, fórmulas, métodos, diante de um objeto que, por sua exuberância, esquivase a qualquer tipo de apreensão racional. O que Descartes manifesta, através de suas formulações, será índice dessa crise, vivida por uma subjetividade insegura e desconcertada (em nada condizente com a imagem de um pensador que se pretendeu guiar pelas certezas tomadas de empréstimo das ciências matemáticas). Trata-se, evidentemente, de uma situação de desconcerto e de insegurança análoga à do leitor, igualmente perturbado diante do *Catatau* e do Descartes que as páginas projetam.

Essa será mais uma dentre tantas relações de semelhança estabelecidas pelo *Catatau*: a estupefação de Descartes diante do Brasil assemelha-se à estupefação do leitor diante do Cartesius leminskiano. Conforme sugerido pelo próprio Leminski, em seus *15 pontos nos iis*, as surpresas que o leitor experimenta assemelham-se àquelas vividas por Cartesius. A personagem com que toma contato, no presente da leitura, dificilmente corresponderá à imagem cultivada ao longo de sua experiência passada. Nos dois casos, salta aos olhos uma ideia de desajuste. Incapaz de aplicar sua lógica habitual de leitura a um romance tido como ilegível, o leitor provavelmente não conseguirá também ajustar sua própria figuração de Descartes, previamente definida, à personagem de Renatus Cartesius. Assim como provavelmente não conseguiria aplicar sua percepção do pensamento cartesiano à prática de linguagem efetivada pela personagem.

Tanto na experiência de um como na de outro, o que se verifica é o mesmo: uma ação presente (o jardim Botânico, para a personagem; o *Catatau*, para o leitor) que inviabiliza (ou pelo menos coloca em crise) um conceito, pensamento ou expectativa

definidos em momento anterior. A propósito dessa incapacidade de aderência de uma construção do passado a uma experiência presente, Leminski menciona a “eterna inadequação dos instrumentais consagrados, face à irrupção de realidades inéditas”. Todo o projeto narrativo do autor parece girar em torno da elaboração de situações em que tal inadequação se manifeste. O trecho anteriormente citado, extraído da Regra II, por exemplo, pode ser tomado como índice de um instrumental consagrado em vias de fracassar, no contexto da situação cênica apresentada pelo *Catatau*.

O abalo gerado por essa experiência será suficiente para desencadear um processo de reconfiguração das mais diversas instâncias do texto – desde a própria figura de Cartesius, e de sua discursividade, até o espaço brasileiro –, de modo que se produza, como resultado geral, a conversão de um dado convencional (construído previamente) em um dado de feições monstruosas (conforme reveladas no presente da experiência). O Cartesius depois do *Catatau* se afigurará monstruoso, para o leitor. A natureza do Brasil alcançará a mesma característica, para Descartes. E o próprio *Catatau*, como texto, alcançará o *status* de monstruosidade romanesca. É como se não fosse possível, para o leitor, “colonizar” o *Catatau*.

Presentismo radical: o estilo como gatilho

Como, no romance, “quase nada acontece”, a ausência de formas verbais indicando ação das personagens favorece a consolidação desse eterno presente perceptivo-sensorial que pode prescindir da dimensão dos acontecimentos para se fundar exclusivamente como experiência de linguagem. Prescindir dos acontecimentos envolve subtrair do texto elementos capazes de consolidar uma noção temporal baseada na percepção de sucessividades. No *Catatau*, raras são as passagens em que um acontecimento sucede a outro, mas nem por isso há que se falar em estagnação ou morosidade. Ao contrário, e possivelmente como compensação, o que se verifica é um intenso dinamismo, determinado por uma fluência verbal vertiginosa e imprevisível. Impossível se antecipar a Cartesius, prever o “caminho” do seu pensamento-fala, tanto no que diz respeito aos temas quanto às formulações realizadas em seu imenso solilóquio.

Cartesius não se demora em nenhum assunto, e parece pouco interessado em delimitar claramente seus temas (também nesse ponto, se distancia significativamente do método cartesiano, moldado por um desenvolvimento analítico e ordenado de uma ideia).

Sua alucinante fluência verbal impõe um ritmo muito particular, melopaico, ainda que o estranhamento dos jogos verbais não raramente produzam o efeito de um trava-língua. O resultado do “trava-pensamento” produzido por Cartesius será, nesse sentido, um texto marcado por um dinamismo levado às últimas consequências, provocando, como resultado, um estado de total indeterminação e imprevisibilidade. Impossível supor o que Cartesius enunciará na próxima sentença. Como esperar de seu discurso qualquer esboço de narratividade? Na ausência de uma aventura épica, o *Catatau* acaba por se apresentar uma “aventura de linguagem”.

Se, por um lado, o dinamismo do texto pode ser interpretado como uma compensação à estagnação do plano dos acontecimentos, por outro é possível perceber que, também na elaboração do pensamento de Descartes, não se verifica o estabelecimento de um percurso, de uma linha, de uma sucessão. As ideias não se concretizam a partir de uma estrutura dotada de começo, meio e fim conclusivo. O que se tem é um personagem ancorado em um permanente agora (a que faltam acontecimentos), imerso em formulações em que se pode perceber a mesma ausência de transitoriedade linear. Despojado de qualquer sentido de progressão ou desenvolvimento (pelo qual se pudesse prefigurar um futuro), também o campo das ideias se revela profundamente ancorado na dimensão do presente.

A agilidade do texto acaba por radicalizar a "atmosfera presentista" da obra, não apenas porque tal característica se conecta os procedimentos modernistas, afinados, por sua vez, com um século marcado pelos movimentos dotados de alta velocidade, mas também porque age no sentido de restringir a sensibilidade do leitor a uma atuação em torno do que vai sendo dito, sem que lhe reste qualquer possibilidade de prefiguração do que virá a ser enunciado. Uma narrativa mais convencional tende a permitir, ou, mais que isso, tende a estimular o leitor a produzir prefigurações, imaginar desenvolvimentos, deixar-se levar por expectativas quanto a essa ou aquela personagem ou quanto ao desenvolvimento do enredo. Nesses casos, o presente da leitura deixa-se marcar pelas expectativas do futuro. No *Catatau*, a imprevisibilidade produz uma espécie de confinamento do leitor ao presente do que vai lendo, o que pode desencadear um certo desconforto, tão desgastante quanto sintomático.

O desconforto do leitor ao que se vê desprovido de qualquer possibilidade de prefiguração do que virá, no curso das linhas do romance, será sintoma de uma certa lógica de leitura que o *Catatau* pretende problematizar. Frustra-se o leitor interessado em

se deixar absorver pelo curso dos eventos narrados. Essa frustração, prevista e possivelmente calculada pelo autor, apresenta-se na verdade como desenvolvimento do já citado método da presentificação total dos elementos textuais e narrativos, pelo qual o leitor possa “sentir na pele”, pelo desconforto, as fragilidades de sua lógica de leitura, em que o presente revela-se não como instância a ser vivida plenamente, em toda a sua materialidade e concretude, mas como mera “ponte” para o futuro.

No que diz respeito ao modo pelo qual o romance de Leminski engendra temporalidades dissipativas, vale observar que a estilística da obra, marcada por um sem número de informações novas, por vezes ilegíveis ou herméticas, acaba por produzir notável fenômeno: o que foi lido tende a “apagar-se” com mais facilidade do que, por exemplo, os conteúdos de uma narrativa mais convencional. A tendência é que poucos dados permaneçam, na “memória espontânea” do receptor da obra, à medida que a leitura avança. E que os esforços de recuperação do que foi lido resultem inúteis. O passado não permanece. Mais que isso: dificilmente será recuperado. Nesse sentido, o leitor do *Catatau* afasta-se daquele tipo de experiência pela qual seja possível se “apropriar” do que vai sendo lido. Não há que se falar, nesse caso, em “assimilação de um conteúdo”, nem em apreensão ou depreensão: termos que guardam, em sua intimidade semântica, a ideia de um capitalista processo de apropriação.

Na medida em que engendra uma experiência narrativa irresistivelmente presentista, e se esquivava, tanto quanto possível, de uma lógica temporal marcada pela percepção de sucessividades, o *Catatau* de Paulo Leminski produz veemente aceno contrário à lógica da modernização que se estabelece a partir da colonização. Em seu referido artigo *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, Aníbal Quijano estabelece uma conexão entre o estabelecimento das dualidades em que se apoiaram as colonizações europeias da modernidade/ colonialidade e um modo de se conceber (e perceber) o tempo, adotado a partir da consolidação do moderno poderio europeu.

Em um primeiro momento, o *Catatau* parece problematizar essas dualidades – segundo Quijano, entre “Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-racional, tradicional-moderno. En suma, Europa y no-Europa” –, expondo uma discursividade que teria se “envenenado” por uma força algo dionisíaca, feiticeira, epifânica, desbundada, lisérgica, pajelante, produzida no âmbito de um Brasil associável ao campo do primitivo, do mágico/mítico, do irracional e do tradicional, sem que essas forças sejam necessariamente consideradas atrasadas.

Até porque essa concepção de atraso só poderia se produzir sob a vigência de uma concepção do tempo como sucessividade histórica capaz de produzir a hegemonia europeia. Essa concepção, segundo Quijano, realiza-se por meio de uma perspectivação histórica dos sucessivos momentos, entendidos como se produzissem, em seu conjunto, o (assim legitimado) triunfo hegemônico do homem adulto branco europeu.

La asociación entre ambos fenómenos, el etnocentrismo colonial y la clasificación racial universal, ayuda a explicar por qué los europeos fueron llevados a sentirse no sólo superiores a todos los demás pueblos del mundo, sino, en particular, naturalmente superiores. Esa instancia histórica se expresó en una operación mental de fundamental importancia para todo el patrón de poder mundial, sobre todo respecto de las relaciones intersubjetivas que le son hegemónicas y en especial de su perspectiva de conocimiento: los europeos generaron una nueva perspectiva temporal de la historia y re-ubicaron a los pueblos colonizados, y a sus respectivas historias y culturas, en el pasado de una trayectoria histórica cuya culminación era Europa. (QUIJANO, 2000)

Em *Catatau*, romance em que quase nada acontece, a dilação histórica do tempo progressivo e ordenado se resolve como insuperável presente; a narrativa se resolve como contranarrativa; a dualidade, como fusão; a distinção, como contaminação; a regra, como desbunde; a razão, como delírio; o projeto, como fracasso; o passado, como dissipação; o futuro, como imprevisibilidade; o entendimento, como hermetismo; o poder, como carnaval.

Referências

- ABRÃO, Daniel. **Poesia e pensamento no Catatau, de Paulo Leminski**. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Biociências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto. 2007.
- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- _____. A crise da filosofia messiânica. In: **A utopia antropofágica**. 4 ed. São Paulo: Globo, 2011.

- ARRUDA, Maurício Arruda. **O romance-ideia *Catatau* de Paulo Leminski, uma abordagem literária e filosófica**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. São Paulo/ Brasília, Hucitec/ Ed. UnB, 2008.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 11, p. 89-117, 2013.
- CAMPOS, Haroldo de. **Ideograma: lógica poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Uma leminskiada barrocodélica. Publicado originalmente no jornal **Folha de São Paulo**, Caderno Letras, p. G4, 2 de setembro de 1989.
- DESCARTES, René. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- _____. **Obras escolhidas**. J. Guinsburg, Roberto Romano e Newton Cunha (Org.). Trad. J. Guinsburg, Bento Prado Jr. et al. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Textos, 24).
- _____. **Regras para a direção do espírito**. Trad. João da Gama. Lisboa: Edições 70, 1989.
- LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- LEMINSKI, Paulo. **Catatau**. Curitiba: Edição do Autor, 1975.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. **A prosa do mundo**. Trad. paulo neves. São Paulo: Cosac Naifi, 2007.
- MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, (2007) 2008.
- PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. **Semiótica & Literatura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- SALVINO, Romulo Valle. **Catatau: as meditações da incerteza**. São Paulo: Educ, 2000.
- VALÉRY, P. **Cahiers**. tomo 1. Paris: Gallimard/ La Pleiade, 1973.